



Breve histórico de São Paulo

O povoado bandeirante não passa, por longos anos, de miserável aldeia, simples entreposto à entrada do planalto, erguido ao abrigo dos piratas que devastam as costas e dos índios que infestam os matos de serra-acima. Dali são remetidos gêneros e instrumentos de trabalho aos sitiantes da redondeza e para ali correm eles a qualquer sinal de perigo.

Sérgio Milliet¹

O sítio fundador da paulistânia constituía um extraordinário patrimônio natural. Uma singular encruzilhada de caminhos, em elevação de larga vista, garantia segurança. Os campos de Piratininga eram atravessados por duas bacias de rios, cruzados em canoas pelos índios, principalmente goianazes, mas também seus contrários, tupiniquins e tamoios. Todos relacionados em enfrentamentos constantes.

O rio primeiro era o Anhembi, o nosso Tietê, que nascendo nos contrafortes da Serra do Mar encaminhava-se para o interior e, afluente da bacia platina, ultrapassava a linha de Tordesilhas, na fronteira leste do território português. O Tietê permitia a navegação na maior parte de seu trajeto, atravessando a mata atlântica que cobria a região até o caudaloso rio Paraná. Para leste, a bacia do rio Paraíba do Sul ruma para a baía de Guanabara,

abrindo um vale no mar de morros em trajeto sinuoso, navegável, favorecendo trocas e encontros. Foi do Paraíba que pescadores içaram a pequena imagem da Virgem Negra, assim Aparecida, padroeira do Brasil.

Do vale do Paraíba saíam outros caminhos. Ali mesmo, em Guarulhos, minerava-se ouro em meados do século XVIII. Atrás dessa riqueza muitos atravessaram a serra da Mantiqueira, na primeira notícia das lavras em meio ao sertão das gerais. Na direção da vila de São Vicente e do mar havia a escarpa coberta de densa floresta, olhada com temor pelos descobridores, mas que o viajante francês Auguste Saint Hilaire, no século XIX, considerou “imponderável em sua imensidão”. Charles Darwin em sua passagem pelo Brasil, no mesmo século, experimentou ali “uma devoção sublime”. A mata era cortada, a partir de São Vicente, pelo Peabiru, a estrada dos índios que se estendia até o Paraguai, o que facilitou desde sempre o acesso ao planalto.

Não se tratava de mera vereda na mata: era quase uma estrada “larga de oito palmos (1,60 m) com mais de 200 léguas de comprimento (1.200 km)” sinalizada “por certa erva muito miúda que, dos dois lados, crescia até quase meia vara (60 cm), e ainda quando se queimassem os campos, sempre nascia aquela erva e do mesmo modo”.

Eduardo Bueno, 1999²

No planalto, entre os rios, em estratégica encruzilhada, ficava a aldeia de Tibiriçá, chefe dos Goianazes e pai de Bartira, a mulher de João Ramalho, português e senhor dos costumes da terra. Sob a proteção desses amigos, Manoel da Nóbrega e Anchieta, os padres jesuítas fundadores, ergueram na colina sobre a aldeia, o colégio que deu origem à vila de São Paulo. Em torno da capela de pau a pique, sagrada em 25 de janeiro de 1554, organizou-se o povoado de São Paulo dos Campos de Piratininga e ali nasceram e cresceram os mestiços que seriam os donos dessas terras.

Mamelucos, bandeirantes e tropeiros definiram a identidade paulista: longe de casa, buscando riqueza, acumulando forças e coragem e espalhando as primeiras construções, testemunhas desses tempos. Foram eles os mestres de obras das casas bandeiristas e também os patronos das igrejas e conventos coloniais, na simplicidade escorreita da arquitetura jesuítica.

O índio [...] já se tornara referência dessa busca de identidade e em São Paulo foi o mestiço com branco, o caipira, que falava um resquício de lingual geral, de sotaque nheengatu e mantinha ainda um vocabulário cheio de palavras tupi.

José de Souza Martins, 2010³

São Paulo foi a única vila seiscentista brasileira instalada no interior do território, visceralmente ligada à cultura indígena. Falou-se ali a língua geral, e não o português, até meados do século XVIII; o povoado cresceu menos dependente dos modos coloniais e mais voltado para a riqueza do sertão: a plantação, a mineração e a ampliação do território. Marcaram sua identidade as entradas e bandeiras, a cultura mameluca e a coragem de desvendar novos caminhos na vida. A malha urbana colonial era presente, mas perdeu-se, quase toda, pela fragilidade dos materiais ou pouca importância das edificações.

A pobreza da vila é de explicação fácil. Resulta da supremacia incontestada do meio rural sobre o meio urbano, supremacia que só entra a declinar com o advento do Império. No momento só uma profissão existe que dá riqueza e ascendência: é a exploração da terra.

Alcântara Machado, 1980⁴

Com os destinos do interior abertos e o caminho do mar pleno de dificuldades, não se deve estranhar que os paulistas virassem as costas à serra e aos costumes de além-mar. Com os homens fora de casa, nas gerais ou em Goiás, as mulheres paulistas, de cultura indígena, tornaram-se empreendedoras, plenas de personalidade e viúvas, envoltas em negras capas. Eram as avós competentes dessas matronas sérias que aparecem em retratos do século XIX, vestidas de preto com algum camafeu ou broche fechando a gola, os cabelos puxados para trás, sem traço de sorriso nos lábios, fechadas em suas casas e saindo apenas para a igreja.

Vários viajantes visitaram a província de São Paulo nos séculos XVIII e XIX e relataram ou reproduziram cenas do seu cotidiano. A noção de patrimônio cultural foi em parte construída pelos relatos, desenhos e, mais tarde, fotografias desses viajantes de olhos bem abertos.

Formar fazendas e plantar café era o melhor negócio no final do século XIX, para quem tivesse terra, capital e acesso à mão de obra. A imigração subsidiada trouxe os imigrantes, que seriam colonos, e os fazendeiros acorriam à Hospedaria dos Imigrantes para fazer os contratos de parceria. Os cafezais agradeceram o cuidado e floresceram; muitos colonos deixaram seu país como lucchese, vênets ou napolitanos para se tornarem italianos no Brasil, mas vieram também suíços, alemães, espanhóis e levantinos, todos considerados turcos, pois portavam passaportes do Império Otomano. A abertura das fazendas na boca do sertão era tarefa imensa, que envolvia os grupos familiares dos proprietários e dos empregados, isolados, produzindo ao mesmo tempo alimentos para a sobrevivência e produto de exportação, em uma síntese entre casa e lavoura. A família fazendeira trabalhava unida e o trabalho da mulher era tão essencial quanto o do homem.

A exportação das volumosas safras de café procedentes do planalto interior dependia da superação da fase de transporte animal. Primeiramente (1867) foi assegurada a ligação ferroviária com o porto de Santos (São Paulo Railway). Em 1868 os fazendeiros paulistas formaram a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que alcançou Campinas em 1872. A Companhia Mogiana, fundada no mesmo ano, foi a primeira grande artéria de penetração e (...) alcançou Ribeirão Preto em 1883. A Companhia Paulista atingiu em 1892 Jaboticabal e em 1889 a estrada de ferro Sorocabana chegava a Botucatu.

Alice P. Cannabrava, 1967⁵

O progresso chegava, a malha ferroviária agilizava a exportação do café e organizaram-se Casas Comissárias em Santos. A cidade de São Paulo, onde em 1872 moravam pouco mais de 31 mil pessoas, em 1900 contaria com 240 mil habitantes. O isolamento paulista e sua pobreza acabaram quando vieram o crescimento dos cafezais e os negócios de exportação. Os paulistas e muitos dos recém-chegados enriqueciam; os donos das fortunas não queriam mais as pobres casas baixas e brancas de tabatinga; agora viajados e conhecedores de esplendores europeus, queriam uma São Paulo monumental.

Os hábitos provincianos também mudavam, com as novas necessidades criadas. Escolas, laboratórios, hospitais, matadouros, mercados, edifícios públicos e cemitérios foram alguns exemplos dessas novas prioridades, além das casas apalacetadas de inspiração variada.

Em 1922, São Paulo abriu-se para o novo com a Semana de Arte Moderna, inspirada por Mário de Andrade, a voz de Macunaíma, e envolvendo jovens intelectuais e artistas da época, como Guilherme e Tácito de Almeida, René Thiollier, Heitor Villa-Lobos, Anita Malfatti, Lasar Segall, Tarsila do Amaral e Ismael Nery, entre outros.

Todos envolvidos naquele evento com a mesma preocupação nacionalista visando detectar uma mal definida "identidade" brasileira. Essa agitação verde-amarela redundou na Antropofagia de Oswald de Andrade, na música de Villa-Lobos, nos quadros de Tarsila do Amaral, no *Cobra Norato* de Raul Bopp, na poesia de Cassiano Ricardo...

Carlos Lemos, 2008⁶

Os anos 1930 trariam modificações profundas com o fim da Primeira República e o caso da política do café com leite, que alternava o poder do país entre São Paulo e Minas Gerais. Entraram em cena os políticos gaúchos. A crise mundial trazida pela quebra da bolsa americana em 1929 apressou um processo que já se delineava com as sucessivas safras de café que não encontravam mercado.

A safra do café foi queimada em 1929 e a importância do Partido Republicano Paulista virou fumaça. Quando 3 mil gaúchos amarraram seus cavalos no obelisco da avenida Rio Branco o país já era outro. Os anos 1930 transformaram a realidade brasileira profundamente. O país pôs-se em marcha, diziam os democratas paulistas, a nata da intelectualidade, que saudou Vargas em 1930, mas foi alijada do poder estadual, em 1937. Iniciava-se a construção da Nação.

A Revolução de 1932 selou essa derrota e os paulistas recolheram-se desenvolvendo a educação como uma forma elaborada de atuação política. Foram instaladas então a Escola de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo, contrataram-se professores estrangeiros, lançou-se um olhar novo sobre a sociedade. Levantaram-se também nessa década algumas obras maestras de arquitetura, como as Casas Modernistas, de Gregori Warchavsky, o edifício Esther, projetado por Álvaro Vital Brasil e Ademar Marinho, e o edifício Saldanha Marinho, do arquiteto Elisário Bahiana, em estilo *art déco*. Outro exemplar significativo desse momento é o edifício do antigo Banco de São Paulo, projetado em 1935 pelo arquiteto Álvaro de Arruda Botelho e concluído em 1938.

Em 1934, na gestão Fabio da Silva Prado e por orientação de Paulo Duarte, iniciou-se a experiência pioneira do Departamento de Cultura na Prefeitura de São Paulo. Mário de Andrade conclamou um grupo extraordinário de intelectuais paulistas, como Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e Nuto Santana, juntamente com professores franceses da recém-fundada Universidade de São Paulo, como Claude Levy-Strauss, Pierre Mombeig e Roger Bastide, que transformou a cena cultural paulista.

Foram postas em prática inovações como bibliotecas circulantes, parques infantis, catalogação da documentação histórica e seu tombamento no Arquivo Municipal, e a publicação da *Revista do Arquivo*. Singular pesquisa sobre música e folclore foi desenvolvida e realizaram-se missões pelo interior do estado, que resultaram em um vasto acervo de cultura popular registrado em filmes, fitas gravadas, desenhos e anotações. A Discoteca Municipal, formada principalmente pela preciosa coleção fonográfica de Mário de Andrade, foi aberta ao uso público e formou jovens ouvintes.

O Departamento de Cultura não era uma coisa separada. Era um grupo. Nós trabalhávamos em conjunto. E era uma coisa fácil porque éramos amigos de vinte anos. Tínhamos feito 22, tínhamos feito a Escola de Sociologia e Política [...]. Nós nos reuníamos quase diariamente na casa do Paulo Duarte para ver o que se fazia.

Rubens Borba de Moraes, 1984⁷

Em 1937, o Golpe de Estado de Getúlio Vargas instalou o Estado Novo e o ministro da Educação Gustavo Capanema (1937/1945) impulsionou, na área da cultura, a reconstrução nacional e a busca de identidade do país. Os resultados culturais positivos e inovadores do Departamento de Cultura, em São Paulo, originaram o convite do ministro Capanema para que Mário de Andrade estruturasse um projeto para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – SPHAN, em 1937. Sua participação durou pouco mais de um ano, enquanto redigiu a carta programa da instituição, para a qual Lucio Costa contribuiu significativamente. Naquele momento, as noções ampliadas de patrimônio e identidade culturais expostas no projeto de Mário de Andrade e apoiadas na Carta de Atenas (1933), como a realização de um inventário artístico e cultural de todo o país, não encontraram respaldo no governo federal. Foram apenas incorporados ao patrimônio nacional uma seleção de monumentos construídos, sítios urbanos delimitados e obras de arte, e essa incorporação foi orientada pela memória da colonização e do Império e pelo abraço da cultura importada.

Além de Mário de Andrade e Lucio Costa, Carlos Drummond de Andrade também participou da criação do SPHAN, juntamente com outros funcionários públicos dedicados. Aí foi consolidado um pensamento sobre o patrimônio histórico e artístico brasileiro com vistas a inserir o Brasil no mundo dito civilizado. Para tanto era fundamental identificar e divulgar a herança comum da nação. O novo regime queria formar a opinião pública e a propaganda foi uma ferramenta eficiente para estabelecer que a conservação do patrimônio era de interesse geral: do poder público, dos proprietários e da comunidade.

A Segunda Guerra Mundial trouxe a substituição de importações e estimulou a expansão da indústria paulista. O pós-guerra e a redemocratização do Brasil já encontraram São Paulo fortalecido, concentrando riquezas e progresso e apresentando novidades em estilo arquitetônico.

Vilanova Artigas projetou em 1946 o edifício Louveira, um marco da moderna arquitetura. Abre-se espaço para a cidade de concreto. Na celebração do IV Centenário, em 1954, inaugurou-se o Parque do Ibirapuera, com edifícios projetados por Oscar Niemeyer, e unidos pela grande marquise, os jardins de Burle Marx e o Monumento às Bandeiras, de Brecheret.

I. Russeff, 2004

Em 1951 formou-se a Comissão do IV Centenário de São Paulo, presidida por Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccilo Matarazzo. A Comissão, que incluía também o “Príncipe dos Poetas”, Guilherme de Almeida, escolheu o Ibirapuera como centro das

comemorações dos 400 anos. Ciccilo chamou o arquiteto Oscar Niemeyer para desenhar os edifícios que constituiriam o Parque do Ibirapuera. Niemeyer convidou Hélio Uchoa, Zenon Lotufo, Eduardo Kneese de Melo, Ícaro de Castro Melo, além de Gauss Estelita e Carlos Lemos para participarem. No paisagismo atuaram Roberto Burle Marx e Otávio Augusto Teixeira Mendes.

Vivia-se plena dinâmica de transformação e crescimento espantosos, com o adensamento e a verticalização do centro da cidade e a ampliação da periferia. Entre 1900 e 1950, a população de São Paulo aumentou de 240 mil habitantes para 2,2 milhões de moradores. A economia paulistana se fortalecia e São Paulo logo seria uma grande metrópole, o centro industrial e financeiro do Brasil. Um símbolo desse progresso foi o edifício Copan, projetado por Oscar Niemeyer, com a colaboração de Carlos Lemos.

Nos anos 1960, Lina Bo Bardi desenhou o arrojado Museu de Arte de São Paulo – MASP, na avenida Paulista, em frente ao Parque Siqueira Campos. Com seu vão de 70 metros, ele olha para o vale, onde corria o rio Anhangabaú, sustentado por quatro pilares de concreto. O precioso acervo deste museu faz dele o mais importante da América Latina. A sede da Sociedade Harmonia de Tênis, tradicional clube de São Paulo, foi projetada por Fábio Penteadó, Alfredo Paesani e Teru Tamaki, ganhadores do concurso promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil-SP, em 1964.

A primeira ação governamental paulista para a preservação de bens culturais foi a criação do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico – Condephaat, na gestão do governador Roberto de Abreu Sodré por meio da Lei 10.247, de 22 de outubro de 1968. Sua vontade política também viabilizou o embasamento cultural diversificado em São Paulo, por meio da Fundação Padre Anchieta, do Museu da Imagem e do Som e do Museu da Casa Brasileira.

O patrimônio histórico é uma vertente particular da ação desenvolvida pelo poder público para a instituição da memória social. O patrimônio se destaca dos demais lugares de memória uma vez que o reconhecimento oficial integra os bens a este conjunto particular, aberto às disputas econômicas e simbólicas, que o tornam um campo de exercício de poder.

Marly Rodrigues, 1996⁹

A Constituição de 1988 preocupou-se com a identidade brasileira ampliando o escopo de seus interesses e incluindo setores da sociedade que até então permaneciam mergulhados no que se intitulava cultura popular e era distante da cultura erudita, mais próxima ao conceito anterior de patrimônio. Abria-se o caminho da integração.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Constituição Federal, 1988, artigo 216¹⁰

Do particular para o geral ampliou-se a visão do patrimônio. O Memorial da América Latina, inaugurado em 1989, foi criado para integrar e divulgar a cultura do continente, centralizando-a em São Paulo. O conjunto de edificações projetadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer distribui-se em uma área de 84.482,51 metros quadrados, contendo prédios e áreas abertas, cujo uso e função foram definidos pelo antropólogo Darcy Ribeiro.



Na cidade, em reconstrução constante e onde tantas referências se perderam, surgiram novas funções para velhos edifícios. É excelente podermos ouvir a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – OSESP na antiga Estação Júlio Prestes, projetada pelo arquiteto Christiano Stockler das Neves, nos anos 1920, e reformada para seu novo uso nos anos 1990, provida dos recursos de tecnologia contemporânea. Percorrer o antigo Palácio das Indústrias, agora abrigando o Catavento Cultural e sua exposição de ciência e tecnologia interagindo com jovens e adultos, é outra amostra de renovação possível, assim como é visitar o Museu da Língua Portuguesa, onde era a Estação da Luz, a Estação Pinacoteca, no prédio do antigo DOPS e a Cinemateca, onde era o Matadouro de São Paulo.

São Paulo entra no século XXI com 18 milhões de habitantes, uma cidade mundial e provedora de serviços. Não é mais a capital industrial da América Latina e sim a maior metrópole das Américas. Neste momento, passada a primeira década do século XXI, volta-se para a recuperação dos testemunhos de sua memória e abre novas frentes de preservação e revitalização de seu patrimônio, buscando aí nexos para o futuro.

O antigo bairro da Luz é um dos polos desse movimento e inclui a Pinacoteca, o Jardim da Luz e sua estação com o interativo Museu da Língua Portuguesa, a Sala São Paulo, a Escola de Música, a Estação Pinacoteca com seu Memorial da Resistência e a futura sede da São Paulo Companhia de Dança. Paralelamente, a cidade enfrenta o grave problema da vida nas ruas, a droga, a pobreza e a violência que envolvem o cotidiano e clamam por soluções urgentes. E é nessa oposição de diversidades que a metrópole vive e progride, para sempre, nossa conhecida Pauliceia.

